

AUSÊNCIA DA POLÍTICA EDUCACIONAL DAS OBRAS DOS AUTORES AFRICANOS E AFRICANAS NO SISTEMA DE ENSINO NA GUINÉ-BISSAU

Aldair Francisco Chernó¹
Ricardo Ossagô De Carvalho²

RESUMO

Na Guiné-Bissau se verifica uma ausência da política educacional, sobretudo, das obras dos autores/as africanos/as, que facilitarão nas produções dos conhecimentos endógenas dos alunos/as, no processo do ensino e aprendizagem, para fim de crescerem intelectualmente para entender a complexidade do mundo de fenômenos sociais. Neste trabalho, as ideias principais defendidas, apresentam as diferentes formas de construção coletiva de saber mais significativo e amplo sobre a África, basicamente a Guiné Bissau. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo compreender a influência dos autores/as africanos/as na construção das sociedades no contexto guineense. A pesquisa é do cunho qualitativa que contém levantamentos bibliográficos dos autores citados no texto e destacando informações necessárias para o seu entendimento e conclusão. Neste contexto, o trabalho interessa saber até que ponto os intelectuais africanos são reconhecidos no sistema educacional da Guiné-Bissau, enquanto poderiam contribuir eficazmente para melhorar o sistema educativa com olhares mais críticos em relação aos intelectuais europeus. Com tudo, espero que o Ministério da Educação compreenda a positividade destes autores na construção de uma sociedade mais acadêmica e moralizado.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; política educacional; autores africanos; fenômenos.

HUMANIDADES , UNILAB, Discente, alfrancher16@gmail.com¹
HUMANIDADES , UNILAB, Docente, ciencia politicahoje@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país africano, com uma superfície total de 36.125 quilômetros quadrados, que faz fronteira com Senegal ao Norte e ao Leste e Sul com a Guiné-Conakri e Oeste com o Oceano Atlântico. Segundo Djaló (2020) o país conta com uma população estimada em 1,6 milhão, têm como língua oficial portuguesa, que é falada por uma percentagem pequena da população e grande número dos guineenses falam crioulo e as outras línguas dos diferentes grupos étnicos. O presente trabalho propõe refletir sobre ausência da política educacional voltada ao estudo das obras dos autores africanos no sistema de ensino da Guiné-Bissau, levando em conta os intelectuais de diferentes áreas acerca da produção de conhecimento sobre África, porque na verdade as discussões universitárias precisam introduzir as reflexões da realidade africana, assim proporcionando uma leitura fortemente sobre as escritas feitas de acordo com a realidade, talvez vai ajudar no entendimento social mais fácil e realista, evitando a grande maximização para o seu entendimento. Para Domingos (2007, p.198) enfatiza que,

as universidades devem produzir um saber, mas que saber? Transmitir o saber, mas que saber e como? Produzir todo saber e todo saber deveria estar na Universidade. Mas há uma questão específica, uma constatação: nos últimos séculos, os africanos e a diáspora Africana ficaram numa posição subalterna e sob olhares dos outros.

Com base nisto não significa tirar de fora os autores não africanos ou do conhecimento ocidental, mas sim para não continuarmos a ser tão dependentes das realidades ocidentais em termos da produção dos conhecimentos e de aprendizagem. Admite-se a forma esquemática desta apresentação, mas o que se pretende é acentuar possíveis posicionamentos no campo de produção do conhecimento para tornar visível a premissa de que uma discussão sobre a produção do conhecimento é antes de tudo uma discussão política. Com tudo, isso demonstra o interesse de institucionalizar a sociologia Africano no ensino guineense para poder discutir de forma mais aberta e clara as construções sociais, em que vai cingir no entendimento da realidade desse povo e ajudar a população entender as suas posições de defesa de classe social e respeito aos seus direitos perante a lei.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, organizada mediante pesquisas bibliográficas exploratórias. Analisa-se por meio do contexto relatado, a ausência da política educacional voltada ao estudo das obras dos autores africanos/as no sistema de ensino guineense, focando na reflexão educacional e social, de forma que os resultados possam reconstruir novas observações, rompendo barreiras construídas na sociedade, propondo novas descobertas e importâncias da matriz africana na formação étnica e educacional. Minayo (1993), o conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica; o método qualitativo é o fio condutor para se formular esta articulação. Motivo esse que o trabalho foca inteiramente em dialogar com os autores conhecedores indicados para o referido trabalho. Para Becker (2014) um objetivo melhor que a densidade geralmente almejada por um pesquisador de campo, é a amplitude, tentando descobrir algo sobre todos tópicos ou o objetivo que são abarcados pela pesquisa. Nesta perspectiva que as análises são feitas através dos relatos e discussões com os autores da área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4. O Impacto da Sociologia para a Sociedade Guineense



A Guiné Bissau tem uma sociedade com diversas realidades culturais que precisa na verdade das ideologias dos autores africanos (as) para apoiar num bom entendimento dos factos sociais. Para Elísio Macamo (2002), a sociologia africana deve estudar a natureza do social. Sendo assim, deve investigar a particularidade africana, sua complexidade, assumindo o pressuposto de que esta realidade é fundamentalmente diferente da europeia, o que exige instrumentos analíticos apropriados. Para entender ainda mais esta funcionalidade, podemos analisar os processos eleitorais, em que as populações sempre são enganadas e ainda massacradas sem respeito aos seus direitos como cidadãs, ali, entra o papel de um sociólogo analisando os fatos, em que vão se interessar mais em entender o alicerce dos problemas e depois apresentar ao governo para possíveis soluções, nesta mesma ordem de ideia que o Fanon (2008), demonstra que há um drama no que convencionou-se chamar de ciências humanas. Devemos postular uma realidade humana típica e descrever as suas modalidades psíquicas, levando em consideração apenas a ocorrência de imperfeições; ou, ao contrário, devemos tentar sem descanso uma compreensão concreta e sempre nova do homem, dentro de uma sociedade no caso da Guiné-Bissau. A sociedade guineense precisa ainda pesquisar muitos acontecimentos sociais para desmascarar algumas ideias escondidas, portanto as universidades têm papel fundamental em fazer os estudantes entenderem como agir respeitando a convivência social.

Para Cabral o fator mais importante era o conhecimento da realidade. Ele acreditava que apenas uma identificação específica de um local permite equacionar a sua transformação. O entendimento da cultura de um lugar é condição necessária para poder ancorar o processo de transformação. A existência de uma ética própria serve para aumentar o sentido de comunidade e de autoestima, fatores entre os mais valorizados na capacitação dos indivíduos, instituições e sociedades (LOPES 2006 Apud Cruz 2015, p. 268).

Porque para mudar uma sociedade com tanta desigualdade com mão-de-obra barata, como no caso da Guiné-Bissau, e ainda sem liberdade de expressão, tudo isso vai ser necessário às intervenções desses cientistas sociais para poder torná-la mais justa, e mentalizar as populações como intervir perante as suas defesas, ou seja, o posicionamento. Neste contexto, “precisa-se entender a cosmovisão africana onde tudo e todos saberes estão interligados” Domingos (2007, p.201)

Levando em consideração as situações da educação na Guiné-Bissau se nota que a programação do ensino guineense se baseia mais no contexto ocidental porque não existe a inovação nos materiais educativos, só é considerado as escritas europeus não se dão valor aos próprios autores africanos da (Guiné Bissau) para poder permitir a discussão das temáticas internas de acordo com as nossas realidades, porque as promoções das escritas interna vai ajudar num bom crescimento literária. Para Mama (2010), a maior parte do que é recebido como conhecimento acerca de África é produzida no Ocidente.

Nesta mesma linha do pensamento, que o (CÁ, 2005, p. 183) “demonstra que o perfil de formação deveria ser as expressões de objetivos gerais no nível do ensino e política educativa, em termos de resultados esperados das ações educativas”. Nesta lógica que o sistema educativo do país deve pautar em colocar obras dos autores africanos guineenses no programa pedagógico dos cursos, assim vai ajudar não só na aprendizagem, também nas promoções das escritas sobre o nosso contexto social. De acordo com Mama (2010), existe em África muita massa cinzenta por explorar, desenvolver e difundir, e existe também uma clara tradição de questionamento não só da definição de ‘ciência’ como também do controle do acesso exercido pela indústria global da edição. Mesmo assim, o que é facto é que tal desigualdade na produção, resulta de uma realidade material caracterizada por desigualdades institucionais e financeiras. O quadro de desigualdade que hoje temos, indicia a perpetuação de legados de opressão e exploração por parte de uma ordem patriarcal e colonial que exclui — por vezes em dobro ou em triplo — largas faixas de intelectuais de todo o mundo, impedindo que o potencial de milhões de africanos se chegue a realizar.

Por conta disto, que o estado deve investir na educação para assim poder dar valor a literatura guineense



porque a motivação começa desde a infância, para poder fazer avante as outras áreas do conhecimento, talvez assim, vamos poder seguir caminho certo para o desenvolvimento em termos da ciência.

Nesta ótica que Mbembé (2019), para que a democracia se enraíze em África, conectando a mesma com Guiné-Bissau, deve ser apoiado por forças sociais e culturais organizadas, instituições e redes resultante da genialidade, da criatividade e, sobretudo das lutas diárias das próprias pessoas e das suas próprias tradições de solidariedade. Mas isso não é suficiente, também é preciso uma ideia, da qual a África seria a metáfora viva.

Há pessoas hoje que estão rejeitando falar crioulo porque vão ser visto como menos civilizados, todos esses detalhes que achamos menos preocupantes, são encarados pelos cientistas sociais. Para melhor confirmação que o, Acosta (2019) afirma que, negamos inclusive nossas raízes históricas e culturais para modernizar-nos imitando os países adiantados. Assim, negamos as possibilidades de uma modernização própria. Realçando a mesma situação o Cabral (2018, p. 49) também enfatiza que, “para tornar tudo numa realidade é necessário que, andemos ao ritmo dos nossos próprios passos, nunca procuramos fazer coisas que, em cada momento, não possamos levar para a frente”. Por esta razão que a sociologia e demais ciências sociais conseguem olhar de forma profunda as futuras consequências de uma sociedade. Por isso, este trabalho preocupa bastante com essas inquietações. No caso da Guiné-Bissau, se o Estado consegue ter essa visão, vai existir uma grandiosa contribuição inovadora e imaginável.

CONCLUSÕES

Partimos do pressuposto que, para a construção de sociedade guineense são necessárias as considerações dos atores sociais locais, considerando suas escritas e a literatura, porque são as obras mais ligados com a realidade da mesma sociedade, então com base nisto espera se que as universidades vão promover a sociologia Africana e da guiné Bissau para poderem descobrir os fatos sociais para que haja uma forma de desenvolvimento social e revolucionário contra os líderes antidemocráticas.

Na trajetória deste trabalho de construção do conhecimento, é que o sistema político guineense precisa abraçar estes tipos de trabalho e valorizar a produção dos intelectuais africanos (guineenses), no campo da ciência, espera se que o sistema da educação guineense vai entender e aceitar os intelectuais do país para poder fazer avante em diferentes áreas. Também outros desafios que merecem ser realçados aqui, tem mais haver com a falta dos trabalhos a respeito da temática para facilitar nas citações em termos bibliográficos, com base nisto que os autores citados realçam a importância dos estudos sociais pensando nos autores conhecedores da própria sociedade, e na incentivarão da escrita.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de estender a minha gratidão a UNILAB, universidade da integração internacional da lusofonia afro Brasileira, pelo trabalho que tem feito, de eu poder ter ideia de como participar nesse evento, e de forma muito especial agradecer, a organização da semana universitária, pensando na integração sem exclusão de eu poder participar nesta incansável atividade universitária, que também serve de uma das formas da minha preparação académica de como pilotar meu estudo e a minha profissionalização.

REFERÊNCIAS



- Acosta, A. (2019). O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Elefante.
- CÁ, Lourenço Ocuni. Perspectiva histórica da organização do sistema educacional da Guiné-Bissau. 2005. Tese de Doutorado. [sn].
- Cabral, A. (2018). A luta criou raízes: Intervenções, entrevistas, reflexões, artigos 1964-1973. Fundação Amílcar Cabral.
- CRUZ E SILVA, Teresa. O lugar das Ciências Sociais como Motor de Mudanças: o caso de Moçambique. A ciência ao Serviço do Desenvolvimento, p. 267-277, 2015. MAMA, Amina. Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, p. 603-637, 2010.
- DOMINGOS, Luís Tomás. Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão: afirmação de identidade afro descendência. identidade!, v. 22, n. 2, p. 190-208, 2017.
- Fanon, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.
- MACAMO, Elísio. A transição política em Moçambique. 2002.
- Mbembe, A. (2019). Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada. Editora Vozes.